

## SER OU ESTAR? EIS A QUESTÃO

Veronica Filíppovna<sup>1</sup>

A recente publicação do livro *Arte: humano e o destino* (Tempo Brasileiro, 2011), do pensador e crítico literário Manuel Antonio de Castro, lança a todos nós, leitores, num grande paradoxo: como cumprir o que já somos? Se já somos o que somos é porque cumprimos não um “eu”, mas o que nos possibilita ser. Do contrário, não poderíamos cumprir. Em contrapartida, se ainda não somos, também já o somos antes mesmo de cumprir. Estas formulações soam estranhas. Normalmente, julgamos saber o que somos a partir das circunstâncias nas quais nos encontramos. Será que, com isso, não estamos confundindo ser e estar? Estar e ser? Ser é estar? Estar é ser? O que vem primeiro: ser ou estar? Ao que parece, pretendemos solucionar tudo com dicotomias. E, para nosso desespero, falhamos. A realidade é maior que a vontade humana. Nosso destino não é outra coisa senão um incessante acontecer de possibilidades. Vale ressaltar que só cumprimos o que já desde sempre somos quando adentramos nas trilhas em que somos convidados a percorrer. Só cumprimos o que já somos quando perdemos o medo e a ânsia que temos de viver, quando nos libertamos para ser.

Ser o quê? Uma travessia de sentido...

Manuel Antonio de Castro traça uma escrita vigorosa onde são pensadas as questões inerentes a todo ser humano. Entregue ao tear de Eros, cuja essência é o amar, aponta o poético como possibilidade de e para possibilidade de o ser humano encontrar plenitude. No desdobrar de estar sendo e de sendo estar, não fornece uma solução para a querela entre ser e estar. Ele vai além! Deseja que cada leitor encontre sua posição adentrando, assim, no que lhe é próprio. Esse exercício não é nem um pouco fácil, pois somente chegamos à plenitude de nós mesmos quando nos desfazemos dos valores com os quais tentamos fundamentar nosso sentido de ser.

Atualmente (acaso não seria desde sempre!?) preferimos que uma rota, um guia ou um sinal nos oriente. Não queremos os fios e desafios do

---

<sup>1</sup> Tradutora e mestranda em Poética, pela UFRJ.

pensamento. Porque pensar é doloroso. Articulamos sentido como direção. Com isso, deixamos de pensar. Julgamos a realidade como o já conhecido, o já aprendido, o já sabido. No entanto, é preciso “saborear a liberdade do aprender a pensar.” (p. 64). Nada é definitivo. Nenhuma posição se sustenta por muito tempo. Posição é estar. Estar é o ser sendo. Ser sendo – possibilidades. Pensar, portanto, não é julgar. É sentido que nos abre caminho para um percurso poético. Daí a necessidade de nos entregarmos à liberdade do aprender a pensar *com* a dinâmica da própria realidade, e não apenas *sobre*. Manoel Antonio de Castro nos faz perceber que liberdade é pulsão libertadora que nos lança em contínua aprendizagem, porque esta é apelo de sentido. Mais que um agir deliberado e alijado pelo nosso querer, liberdade quer dizer empenho e desempenho do que somos.

*Arte: o humano e o destino* é, portanto, um livro com o qual somos provocados a pensar sentido. O que é o ser humano? O que é vida? O que é arte? O que é ser? O que é estar? Somente em consonância com o sentido pode-se apreender e aprender o vigor de cada uma dessas questões sem se prender em dicotomias. Manuel Antonio de Castro mostra que o maior desafio que temos incide em pensar nossa existência não no âmbito das vivências, mas enquanto recolhimento e acolhimento no nosso próprio.

Dividido em três partes, todas dialogais entre si, o livro faz uma crítica aos paradigmas dominantes. Articula a nossa época sem dela sair. Ao que tudo indica elegemos apenas a verdade que se manifesta sob a égide da ciência e suas imbricações como caminho de sentido. Preferimos as posições. E, com estas, as proposições. Isso decorre de que olhamos para a realidade sendo, mas não a vemos. “Nossa visão tende para a estaticidade sempre aparente, pois só vemos de imediato o que se mantém em pé, está aí”, porém, não percebemos que o que se dá a ver “já tende para o desaparecimento.” (p. 23). É preciso aprender a ver o não visto em tudo àquilo que se dá a ver. Devemos aprender *com* as próprias coisas que se nos apresentam. O avanço científico, as descobertas tecnológicas são importantes. Porém, devem estar conciliados com a procura do sentido de nós mesmos. O que somos é que é o originário de todas as posições. Até quando permaneceremos alheios a isto? Não sabemos.

O leitor irá perceber que se deixar atravessar pela tensão entre ser e estar, amar e ser é a possibilidade que lhe cabe para encontrar sentido, que é

o seu próprio. Aliás, merece destaque o ensaio “Liberdade, vontade e uso de drogas”. Neste é tratado um problema que assola milhares e milhares de pessoas no mundo todo: o crescente aumento do consumo de *crack*. Nos incontáveis dramas e tramas do projeto humano, é preciso ser livre. A liberdade é o caminho para encontrarmos nossa essência originária, ou seja, nosso próprio. Todavia, a liberdade não significa “fazer o que se quer”. Somos livres quando agimos em consonância com o ético, com o agir essencial. Para tanto, “não basta seguir os impulso do querer da vontade”. Temos de pactuar com a liberdade do que somos e não somos, nosso destino ético e poético. E por quê? “Não basta viver, é necessário ser o que se vive.” (p. 271). Eis aí, nosso destino.

Manoel Antonio de Castro, com suas reflexões plenas de astúcia e serenidade, aponta que toda tentativa de encontrar um fundamento é vã. Viver é sempre mais que qualquer tentativa de definição. Mas o que vale mais: Ser ou estar? Estar ou ser? Nem um nem outro. O que nos define é a permanência num contínuo sendo. Classificar a arte é perder o seu fulgor; fechar os olhos para o mítico é preferir o palor; tentar justificar a essência do ser humano é se esquecer do humano. É distanciar-se das questões essenciais, em detrimento de posições. Qual seria, então, a questão que está em questão na posição? Fica aqui a sugestão: leia o livro, leitor. E tire suas próprias conclusões

*Arte: o humano e o destino* é um livro que nos coloca a caminho do pensamento. Estamos tão acostumados aos burburinhos do dia a dia que talvez estranhemos a tessitura de palavras gestadas no silêncio, naquilo que o pensador tem de próprio. Sim, este é um livro que nos faz pensar o quanto lideramos a fuga não dos deuses (estes já foram expulsos há tempos!), mas a fuga que fazemos de nós mesmos. Tudo indica que não temos tempo para celebrar e cultivar o que temos de próprio: o destino que se destina em nós. Com isso, caímos no impróprio. No que não nos é essencial... Impedimos, assim, que a própria realidade se diga em nós. Falamos o tempo todo *sobre* as coisas, impedindo que as coisas venham também ao nosso encontro. Precisamos, urgentemente, aprender a estar disposto *com* as coisas, isto é, com a realidade se realizando. O que leitor encontrará aqui será, portanto, uma provocação para ser e estar, estar e ser nos vórtices do amar.